

A ARTE DE ENSINAR EM UM PRESÍDIO DE MULHERES NO BRASIL

THE ART OF TEACHING IN A BRAZILIAN FEMALE PRISON

Régis Moreira Pinto¹

Cláudia de Vilhena Schayer Sabino

Josivaldo Emerick da Veiga

Resumo

A educação é um direito de todos e um dever do Estado e o acesso é garantido às pessoas em um sistema prisional. Este trabalho foi desenvolvido em um presídio de mulheres em Belo Horizonte (Minas Gerais, Brasil). A metodologia adotada foi baseada na andragogia, que é a pedagogia direcionada ao aluno adulto. A disciplina lecionada foi Diversidade, que tem como objetivo tratar temas controversos e o aceite à diversidade. Entre os temas abordados, destacam-se: relacionamento humano, infecções sexualmente transmissíveis, religiosidade, consciência negra e homoafetividade. As prisioneiras não têm acesso à informação direta ou via internet, que é proibida. As metodologias empregadas foram: trabalho em grupo, discussão, roda de conversa e vídeos previamente aprovados pela segurança do presídio. A avaliação foi feita por meio de questionários e redações. Os resultados demonstraram que, para as prisioneiras, a educação não é vista apenas como uma alternativa de diminuir a punição ou a ociosidade, mas como uma oportunidade de adquirir conhecimento, mudar e tornar-se uma pessoa melhor.

Palavras-chave: Direitos humanos. Educação. Dignidade da pessoa humana. Sistema prisional.

Abstract

Education is a right of all and a State 'duty and the access is guaranteed to people in a prison system. This work was developed in a women's prison in Belo Horizonte

¹ Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/Br ch.regis7@yahoo.com.br

(Minas Gerais, Brazil). The adopted methodology was based on andragogy, which is pedagogy directed to the adult student. The subject taught was Diversity, which aims to deal with controversial themes and the accepted diversity. Among the topics addressed are: human relationship, sexually transmitted infections, religiosity, black conscience and homosexuality. Prisoners do not have access to information that is direct or via the Internet, which is prohibited. The methodologies used were: group work, discussion and videos previously approved by the security of the prison. The evaluation was done through questionnaires and essays. The results have shown that for prisoners education is seen not only as an alternative to lessening punishment or idleness, but as an opportunity to acquire knowledge, change, and become a better person.

Keywords: Human rights. Education. Dignity. Prison system.

Introdução

A Constituição Federal do Brasil (BRASIL, 1988), em seu art. 208, inciso I, estabelece o dever do Estado com a garantia de ensino fundamental obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta para todos os que a ele não tiverem acesso na idade própria. Tendo em conta os baixos índices de escolarização apresentados pela população carcerária, a educação de jovens e adultos, modalidade que responde pela oferta de educação básica para a população acima da idade escolar, deve ser desenvolvida em todos os presídios do país (SANTIAGO, 2006).

Este trabalho utilizou as ideias da andragogia, que é a pedagogia direcionada ao aluno adulto. Assim, o ensino deve estar centrado em situações-problema, tendo em vista que o aprendiz precisa vislumbrar resultados em curto prazo, principalmente no que tange à manutenção das necessidades primárias e secundárias, conceitos mencionados por Maslow (MASLOW, 1962). No caso de adultos, o ensino passa a ser uma moeda de troca: ele precisa ver finalidade, utilidade e retorno.

É necessário que o professor tenha esses fatos em mente ao preparar as atividades. Muitas vezes, as atividades em sala de aula são planejadas e

executadas de acordo com a decisão única do professor, o que pode conduzir à ineficácia do processo:

Não seriam poucos os exemplos que poderiam ser citados, de planos, de natureza política ou simplesmente docente, que falharam porque os realizadores partiram de uma visão pessoal da realidade. Porque não levaram em conta, num mínimo instante, os homens em situação a quem se dirigia seu programa, a não ser como puras incidências de sua ação (FREIRE, 1987, p. 48).

Assim, a construção de um trabalho mais prazeroso e profícuo em sala de aula pode depender, em alguma extensão, da capacidade e disposição do professor para ouvir, discutir e refletir com o aluno a melhor forma de conduzir os trabalhos, uma vez que o processo educativo é essencialmente interativo e os alunos não são massa bruta a ser moldada por ação externa.

Nesta pesquisa, começamos questionando os alunos sobre preferências de metodologias e atividades de ensino-aprendizagem e, com base nas respostas, planejamos e adaptamos estratégias pedagógicas a serem trabalhadas no semestre letivo.

O objetivo foi desenvolver atividades alternativas ao ensino “tradicional”, para a disciplina Diversidade, no ensino de jovens e adultos (EJA), em uma penitenciária feminina de Belo Horizonte, atendendo às preferências das alunas e valorizando o bom relacionamento professor/aluna e aluna/aluna.

Metodologia

Trata-se de um estudo de caso, abordado com metodologia descritivo-exploratória, de natureza qualitativa.

Participaram da pesquisa 30 alunas com idade entre 21 e 50 anos. A maioria está presa devido ao tráfico de drogas, são violentas, embora o nível de violência individual seja variável. No início do semestre letivo, foi utilizado um questionário sobre as preferências das estudantes em relação às possíveis metodologias de ensino (escolhidas em um rol elaborado pelo professor).

A partir da análise das respostas, foram planejadas as atividades do semestre, que incluíram: dinâmicas, trabalhos em grupo, filmes e vídeos, palestras, construção de mural e roda de conversa.

Ao final do semestre, foi utilizado questionário para levantar a opinião dos alunos sobre a validade; pertinência e eficácia das atividades e metodologias empregadas.

Resultados

Questionário inicial

As preferências e rejeições das alunas sobre alguns tipos de aula estão apresentadas no Quadro 1. É importante salientar que o laboratório de informática não tem internet e que as alunas são proibidas de ter celular, tablet e todas as formas de acesso à internet.

Quadro 1 - Preferências das alunas por alguns tipos de aula

Qual tipo de aula que mais lhe desperta interesse e transmite conhecimento? (%)	
Laboratório informática	24
Trabalho em grupo	24
Jogos	18
Vídeo aula	18
Expositiva (Quadro e giz)	15

Fonte: Dados da pesquisa.

É interessante notar que a utilização da aula expositiva, que tem sido a preferência de muitos dos professores, é entre as metodologias a que menos interessa às alunas. Isto corrobora para o fato de que os professores não dialogam com os alunos sobre metodologias de ensino-aprendizagem.

Foi questionado às alunas sobre os temas que gostariam de abordar na disciplina. As respostas estão apresentadas no Quadro 2.

Quadro 2 - Preferências das alunas por alguns temas de aula

Tema	%
Relacionamento humano	60
Homoafetividade	20
Religiosidade	10
Preconceito	10

Fonte: Dados da pesquisa.

O relacionamento humano foi a principal escolha e entre os motivos foram citados:

Precisamos aprender a valorizar as pessoas. (Aluna A)

Aqui não há respeito. (Aluna B)

O respeito é a essência da vida. (Aluna C)

O bom relacionamento facilita a vida. (Aluna D)

Os temas sugeridos pelas alunas foram abordados e mais dois foram introduzidos: Infecções sexualmente transmissíveis (IST), devido à sua elevada incidência no presídio, e Consciência Negra, que é obrigatório, no mês de novembro, nas escolas do Estado de Minas Gerais.

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis

Um dos temas abordados foi IST, com o objetivo da conscientização sobre as infecções sexualmente transmissíveis, uma vez que, dentro do complexo prisional, houve significativo aumento das doenças entre as internas.

A literatura nacional e internacional chama a atenção para o alto risco de vulnerabilidade às doenças infecciosas entre a população carcerária. A privação de liberdade induz condições de limitação de espaço, de organização social e mental, que favorecem comportamentos de risco para múltiplas infecções transmitidas de pessoa a pessoa (COELHO, 2009).

A primeira atividade foram aulas expositivas dialogadas e com slides de imagens dessas doenças para facilitar a identificação. A participação foi grande e muitas alunas ficaram surpresas com os conhecimentos que acabaram de adquirir.

Depois das aulas, as alunas preencheram um questionário anônimo e, das 30 participantes, a metade já teve ou tinha IST: 8 Sífilis; 5 Gonorreia, 2 HIV, 10 Herpes, 6 Tricomoníase e 1 Cancro Mole. As alunas ficaram assustadas com o resultado, uma vez que foi feita a análise de uma pequena parte das internas e, assim mesmo, a incidência foi considerada muito alta.

Houve uma roda de conversa sobre essas doenças e o interesse foi tão significativo que, para as aulas seguintes, as internas foram divididas em três grupos, acompanhados, cada um por um professor para continuação dos debates e maiores esclarecimentos de dúvidas.

Um dos problemas detectados foi que as portadoras de IST são discriminadas pelas colegas. Há grande promiscuidade no presídio e uma portadora é um risco de transmissão. Por isso, as detentas preferem conviver com os sintomas das doenças, em vez de procurar ajuda no posto médico, o que as tornaria discriminadas. Outro risco de transmissão são as tatuagens precárias executadas pelas prisioneiras. Embora as alunas sejam vistoriadas, interna e externamente, na entrada e na saída das aulas, agulhas de costura, canetas esferográficas e tinta guache são surrupiadas das salas de aula e utilizadas como material de uso comum para tatuagem, não sendo feita a esterilização ou sequer uma lavagem dos itens, o que aumenta o risco de transmissão de doenças.

As aulas e as discussões buscaram a conscientização em relação às formas de tratamento e transmissão, o que favorece a saúde das próprias detentas e a de terceiros, pois é elevada a transmissão e propagação de IST tanto durante o período de reclusão como na soltura (MOR et al., 2015).

Relação de Gênero: homoafetividade no sistema prisional feminino.

Homoafetivo é o adjetivo que qualifica uma pessoa que gosta e sente **atração por pessoas do mesmo sexo**. O termo homoafetivo foi criado para diminuir a conotação pejorativa que se dava aos relacionamentos homossexuais, e tornou-se a **expressão jurídica** para tratar do direito relacionado à união de casais do mesmo sexo. No sistema prisional, é muito comum a homoafetividade, pois o isolamento, a carência afetiva e a depressão levam, muitas vezes, as reclusas a buscarem uma parceira do mesmo sexo. Algumas detentas já eram homossexuais antes de chegarem ao sistema, mas muitas eram heterossexuais fora do sistema e se tornaram homoafetivas quando em reclusão. Esse é um fenômeno bastante frequente (FRANCISCO, 2015).

Em relação às alunas participantes do presente trabalho, 80% mantêm ou já mantiveram relação homoafetiva; 20% já eram e continuam homossexuais; 60% se descobriram no sistema e 20% são heterossexuais.

O assunto foi abordado em sala de aula por solicitação das alunas e na abordagem do tema foram utilizados textos explicativos, notícias atualizadas e roda de conversa.

Uma das preocupações foi, justamente, descobrirem a tendência sexual no presídio. Foi discutido o texto apresentado por Gaudad (2013):

O aprisionamento é o suplício do corpo, pois ele se encarcera e sobre ele são restringidas situações, direitos e possibilidades. As relações afetivas e sexuais são apenas mais uma das restrições a que as pessoas aprisionadas estão sujeitas. Neste contexto, a lesbianidade no cárcere surge como uma possibilidade de estabelecimento de novas experiências, constituindo-se enquanto forma de resistência ao completo controle das mentes e dos corpos das mulheres privadas de liberdade e apresentando-se como lócus da mudança de paradigmas a este respeito (GAUDAD, 2013, p. 55).

Foi salientado que as relações homossexuais podem ter várias funções: defesa contra o isolamento, busca de proteção, sobrevivência, diminuição das agressões pelo estabelecimento prisional ou de uma hierarquia social (CORRAZE, 2000).

Embora seja permitida a visita íntima de homens no presídio, nem 10% das prisioneiras desfrutam do privilégio. Um dos motivos é que, de acordo com a legislação, apenas pessoas casadas podem receber visita e a grande maioria é solteira, tendo apenas companheiro. Outro motivo é que a maioria das mulheres, ao serem presas, é abandonada por seus companheiros, namorados e maridos. Muitos deles já estão presos por realizarem tráfico de drogas, furto ou até mesmo homicídio ou latrocínio. Mesmo não estando presos, esses homens abandonam suas companheiras, que ficam destituídas de um suporte familiar (FRANCISCO, 2015).

Na verdade, embora 80% das alunas admitam que mantenham relações homoafetivas por motivos culturais errôneos, as detentas têm dificuldades para aceitar o homossexualismo, porque a sociedade ainda julga antes mesmo de conhecer, repudiando tudo o que é diferente do imposto por ela mesma, exercendo o papel de rotular, excluir, apartar, discriminar grupos que diferem desse modelo (SANTANA; BARBATO, 2015).

A educação e a conscientização sobre necessidade de aceitar a diversidade são um dos objetivos da disciplina e uma das maiores chances de superação dessa dificuldade.

Exemplo de superação: relacionamento humano

Este é um dos temas sugeridos para a educação de jovens e adultos pelo Ministério de Educação do Brasil. Um dos cadernos distribuídos pelo Ministério: “Mulher e trabalho” (BRASIL, 2007) traz o caso de Esmeralda, descrito por uma das detentas:

Esmeralda era uma menina humilde que cresceu em meio à violência, drogas e álcool. Foi abusada sexualmente na família e espancada pela mãe. Pedia esmola, a mãe tomava o dinheiro para beber e a fome estava sempre presente. Cansada, Esmeralda fugiu de casa, foi morar na rua, conheceu o crack, o roubo e a prostituição. Mas Esmeralda não desistiu e com a ajuda de pessoas boas se ergueu, venceu as drogas e seus traumas e usou suas experiências até para ajudar outras pessoas como assistente social. Esta é uma linda história de superação e amor. (Aluna E).

Na primeira aula, foi lido com as alunas o texto sobre Esmeralda. Em seguida, foi feita uma roda de conversa sobre a vida dessa jovem personagem. As detentas ficaram muito atentas e se identificaram com o tema. Demonstraram ter vontade de superar o momento que estão vivendo. A maioria das alunas está sempre com a autoestima baixa, com condenações entre 3 a 30 anos, o que causa depressão. O incentivo, como o dessa história, é bem-vindo, e elas se empolgaram com o exemplo de uma pessoa que superou as dificuldades da vida, para se redimir.

Na segunda e terceira aula, foi apresentado o vídeo de um programa de televisão que trata da personagem, com o título: “Mulher dá lição de vida após escapar da morte ao fugir de casa onde sofria abusos”. Elas assistiram ao filme com bastante atenção e muitas delas choraram ao se identificarem com os problemas que a personagem viveu: a falta de estrutura familiar, pais alcoólatras, abuso sexual, abandono na rua, drogas, agressão física, fome e outros.

Ao final, foi solicitada uma redação na qual expuseram o que aprenderam, o que poderiam levar para suas vidas e em que elas poderiam melhorar. Elas comentaram que é possível superar tudo o que estão vivendo nesse momento, que só basta ter garra e querer mudar. Muitas delas têm grandes sonhos para quando saírem do sistema, outras ainda estão procurando se reencontrar. Mas, de modo geral, todas são bastante sofridas e trazem marcas severas em seu eu.

Ao fim das atividades, as alunas demonstraram interesse em conhecer outras profissões. Esmeralda se tornou assistente social. Foram então apresentados vídeos

de diversas profissões, com entrevistas de profissionais explicando o que eles fazem no seu dia a dia.

Religiosidade

A sabedoria popular diz que alguns assuntos não devem ser discutidos, e religião está nesse rol. Em um país com dimensões continentais como o Brasil, que não tem religião oficial e no qual o sincretismo impera há séculos, abordar o tema nas salas de aula não é tarefa fácil. Muitos acreditam que a instituição de ensino não é o lugar mais apropriado para falar de Deus, justamente para respeitar a crença particular de cada educando. Entretanto, a prática religiosa, dentro da prisão, constitui a possibilidade de troca de mundos, possibilitando o abandono das práticas e valores do chamado “mundo do crime” em prol da aderência a normas de conduta, regras e valores morais socialmente aceitos.

Na penitenciária em que este trabalho foi realizado, uma das principais reclamações das detentas foi sobre o preconceito religioso existente:

As pessoas não conhecem as religiões e agredem verbalmente e até fisicamente quem é da minha religião. (Aluna A)

No Brasil tem muitas religiões e as pessoas condenam e julgam sem conhecer realmente. (Aluna B)

As religiões afro-brasileiras são as que sofrem mais intolerância e aqui chegam a perturbar as cerimônias. (Aluna C)

As agressões acontecem mesmo existindo leis que protegem as religiões. (Aluna D).

As penitenciárias são carentes de recursos e a assistência às detentas é prestada por grupos religiosos. No caso específico do presídio em que foi desenvolvido este trabalho, estão presentes: Pastoral Carcerária, Igreja Católica Apostólica Romana, Igreja Batista da Lagoinha, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Deus e o Amor, Igreja Batista Getsêmani, Grupo Espírita André Luis, Grupo Evangélico Vida com Aliança e RHEMA.

As ações das igrejas evangélicas são predominantes, atingindo cerca de 60% das alunas, com a realização de cultos diversas vezes ao dia, estudos e cursos, dia da beleza, lanches especiais, sempre oferecendo opções às quais as detentas não têm acesso no dia a dia. Assim é crescente a captação de fiéis seguidores.

Por solicitação das internas, passamos o filme “Por que Deus não está morto” I e II. (God's Not Dead).

Após a apresentação, foi solicitado que elas fizessem uma redação demonstrando suas reações ao filme. A leitura dos textos produzidos permitiu concluir que muitas acreditam que Deus está presente em suas vidas e que, mesmo tendo feito algo errado, ainda acreditam no perdão e na força dos desígnios de Deus. Algumas observações foram:

A fé se transforma em uma varinha mágica e todos os erros e falhas serão dissolvidos. (Aluna D)

Religião é busca de um milagre. (Aluna E)

Meu Deus está vivo, me ama e sou filha do dono do ouro e da prata. (Aluna F)

No contexto carcerário, a religiosidade parece atuar como fator de integridade emocional tanto para homens como para mulheres que cumprem penas, de modo que o suporte religioso parece auxiliar os sujeitos tanto a enfrentar as mazelas características da condição do cárcere quanto a questão da religiosidade como fator protetor (MORAES; DALGALARRONDO, 2016; FRINHANI; SOUZA, 2005).

Semana da Consciência Negra

A data da execução de Zumbi, em 1695, é o dia em que o Brasil reverencia o líder do Quilombo de Palmares e convoca a todos para a luta em favor da igualdade racial e dos direitos humanos. A importância das influências do povo africano, celebrada oficialmente em 20 de novembro, é exaltada no compromisso de formação da identidade cultural brasileira e a valorização do patrimônio material e imaterial da matriz afro-brasileira.

Em nosso país, o preconceito racial marca a sociedade em que vivemos. De acordo com Comes (2010), esse preconceito é resultado de séculos de escravidão, resultado ainda da colonização e dominação político-cultural de grupos sociais étnico-raciais específicos.

Sobre o tema, foi ministrada uma aula dialogada sobre a Consciência Negra. Foi apresentada às alunas detentas uma coletânea de fotos e fatos sobre a vida do povo negro que era livre em sua terra natal “África”, que foi capturado e se tornou escravo no Brasil, as diversas leis que existiram nesse período, as atrocidades que

esse povo sofreu e a assinatura da Lei áurea, da libertação. Para fechar o primeiro dia, foi feita uma roda de conversa sobre o tema: “Como está a população negra brasileira nos dias de hoje?”

Esse tema gerou debate entre as participantes, que focaram em encontrar de quem foi a culpa, e nos problemas sociais que a população negra sofreu e sofre até os dias de hoje.

No segundo dia, foi montado um mural sobre a “Mulher Negra no Mercado de Trabalho”, a partir de notícias de jornais e revistas. A seguir, foi lido um texto sobre o tema: Mulheres e trabalho na história do Brasil (BRASIL, 2007). O texto destaca a posição da mulher após a libertação dos escravos: ou foram ser quitandeiras ou prostitutas. Em seguida, foi realizada uma roda de conversa sobre o tema “O que é melhor: trabalhar e ser quitandeira, ou ser prostituta?”.

Mais uma vez as alunas demonstraram a esperança de recuperação e a vontade de construir vida melhor, após a libertação.

Questionário final

Uma das metodologias mais empregadas foi a roda de conversa. As alunas foram questionadas sobre a metodologia e os resultados estão apresentados no Quadro 3.

Quadro 3 - Opinião dos alunos sobre os pontos positivos da roda de conversa

Quais os pontos positivos da roda de conversa?	
Melhora a aprendizagem	40
Facilita esclarecer as dúvidas	34
Torna a aula agradável	12
Aumenta o comprometimento do aluno	7
Incentiva o aluno e o professor	7

Os alunos aprovaram a realização da roda de conversa. O trabalho em grupo amplia a possibilidade de relações mais solidárias na medida em que as pessoas se reconhecem em suas semelhanças e diferenças, aprendendo a construir ideias e ações coletivamente. [18].

Foram questionadas quais sugestões poderiam dar para a continuação da disciplina. As respostas estão apresentadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Sugestões das alunas para continuação da disciplina

Ação	%
Mais dinâmicas	30
Mais atividades de grupo	25
Mais participação das alunas.	15
Mais vídeos e debates	15
Maior número de aulas	15

As alunas mostraram preferir atividades lúdicas e participativas no ensino/aprendizagem. Tais metodologias não se justificam somente pelo estímulo ao aprendizado, podendo também contribuir de forma efetiva para a socialização, educando para o respeito às diferenças, para o trabalho em equipe, para o desenvolvimento da personalidade e da autoestima, ensinando tanto a valorizar o prazer do sucesso como saber conviver com frustrações. O uso do lúdico no ensino é uma prática já estabelecida, cujo objetivo é auxiliar os alunos a aprender ou revisar o conteúdo ministrado de forma prazerosa[19].

Considerações finais

O sistema penitenciário brasileiro apresenta problemas históricos, como o desrespeito aos presos, ausência de atividades de trabalho e estudo dentro do cárcere, a superpopulação, em frontal descon sideração às recomendações da ONU. O desenvolvimento de atividades durante o encarceramento, que ocupem de forma construtiva o tempo ocioso do detento, respeitando sua dignidade, permite criar condições de reformular sua visão de sociedade, levando-lhe esperança de terminar mais cedo seu confinamento e melhorar sua vida carcerária, promovendo sua reinserção social. A educação no cárcere é uma atividade útil e necessária, garantida pela constituição do Brasil.

Lecionar em uma penitenciária é difícil e proporciona ao professor a oportunidade de aprender enquanto ensina. As condições e história de vida das

alunas proporcionam o vislumbre de um mundo diferente, de pessoas opressoras e oprimidas com enormes cargas de dor e esperanças em dias melhores.

Buscando romper com a didática tradicional que permeia o ensino-aprendizagem, procuramos aqui sugerir algumas atividades didáticas e pedagógicas que, testadas, criaram um ambiente favorável e foram efetivas no ensino-aprendizado de Diversidade em uma penitenciária feminina. As avaliações dos trabalhos desenvolvidos revelam virtudes e possibilidades a serem exploradas.

A sugestão das estratégias pretende em algum sentido, afastar a (mesmice) prática prevalente das aulas expositivas em favor construção de uma pedagogia mais aberta à participação dos alunos; favorecedora do trabalho em equipe; formadora de atitudes e adaptadas às peculiaridades de diferentes disciplinas.

Escutar previamente os alunos e planejar as atividades de acordo com suas expectativas se mostrou boa prática. Esperamos que o trabalho desenvolvido possa de alguma forma contribuir para o entendimento de possibilidades no ensino de jovens e adultos

Referências

- [1] BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. URL: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf> Consulta dezembro 2017.
- [2] SANTIAGO, J. B. S.; BRITTO, T. F. A educação nas prisões. **Brasília a.** v. 43, n. 171, jul./set. 2006.
- [3] MASLOW, A. **Introdução à psicologia do ser.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1962.
- [4] FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Freire, 1987)
- [5] COELHO, H. C. et al. Soroprevalência da infecção pelo vírus da Hepatite B em uma prisão brasileira. **Rev. bras. epidemiol.**, São Paulo, v. 12, n. 2, June 2009 .
- [6] MOR Z; EISENBERG JR, Grotto I; TISHLER-AURKIN, D. HIV/AIDS prevalence in Israeli prisons: is there a need for universal screening? **Journal of Public Health Policy.** v. 36, n. 4, p. 484-90, 2015.
- [7] FRANCISCO, R. S. Homossexualidade feminina: o caso do presídio feminino Carlos Tinoco da Fonseca em Campos dos Goytacazes. **Vértices.** Campos dos Goytacazes/RJ, v. 17, n. 1, p. 7-21, jan./abr. 2015.

- [8] GAUDAD, Ludmila. “Sistema Penitenciário: lesbianidade como forma de resistência?”, em Zona Franca. **Revista del Centro de Estudios Interdisciplinario sobre Mujeres**. Año XXI, n. 22, p. 55-64. 2013,
- [9] CORRAZE, Jacques. **L'homosexualité**. 6. ed. Paris: PUF, 2000.
- [10] SANTANA, N. T. T.; BARBATTO V., L. M. O preconceito enfrentado por homossexuais privados de liberdade. **Revistas Eletrônicas da Toledo**, v. 9, n. 9, 2015.
- [11] R7. **Mulher dá lição de vida após escapar da morte ao fugir de casa onde sofria abusos**. 2016. URL: <<http://entretenimento.r7.com/hora-do-faro/videos/mulher-da-licao-de-vida-apos-escapar-da-morte-ao-fugir-de-casa-onde-sofria-abusos-19062016>> Acesso em: dez. 2017.
- [12] BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. (2000). **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes.
- [14] MORAES, P. A. C.; DALGALARRONDO, P. Mulheres encarceradas em São Paulo: Saúde mental e religiosidade. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 55, n. 1, p. 50-56, 2016.
- [15] FRINHANI, F. M. D & SOUZA, L. Mulheres encarceradas e espaço prisional: Uma análise de representações sociais. **Psicologia: Teoria y Prática**, v. 7, n. 1, p. 61-79, 2005.
- [16] COMES, N. L. Diversidade etno-racial e educação no contexto brasileiro: algumas reflexões. In: _____. **Um olhar além das fronteiras: educação e relações raciais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 97-109.
- [17] BRASIL. Ministério da Educação. **Caderno de EJA**. Mulher e trabalho. Brasília: Editora Página Viva. 2007.
- [18] BARBATO, R.G.; SOUZA, M. M. C. B. Aprender em grupo: experiência de estudantes de enfermagem e implicações para a formação profissional. *Esc Anna Nery Rev Enferm*. v. 14, n. 1, p. 48-55, jan.-mar. 2010.
- [19] FOCETOLA P. B. M. et al. Os jogos educacionais de cartas como estratégia de ensino em química. **Química Nova na Escola**. v. 34, n. 4.